

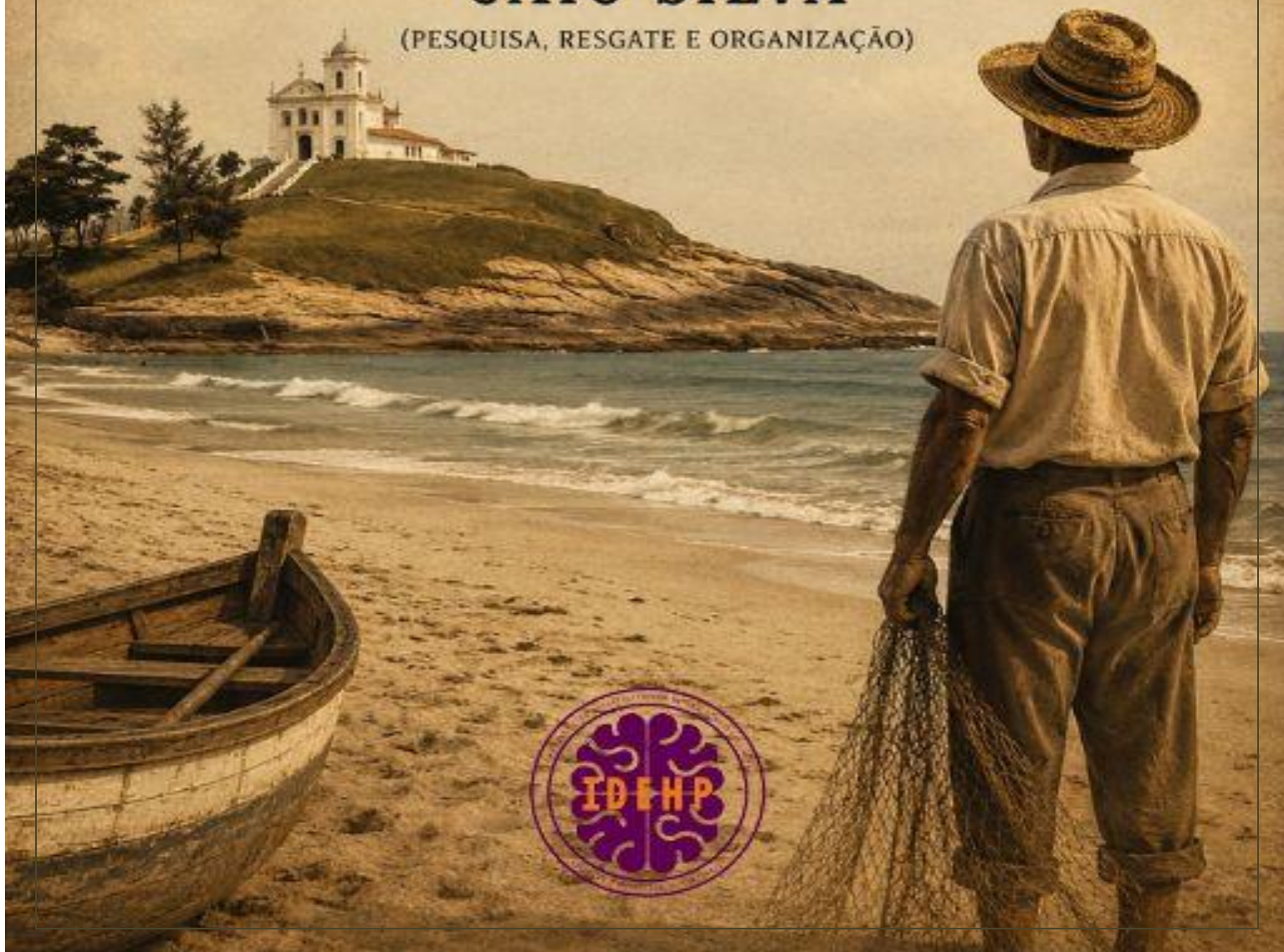


O AEROPLANO

VERSOS DE QUANDO UM AVIÃO
MUDOU A VIDA DE UM PESCADOR
DE SAQUAREMA EM 1935

CAIO SILVA

(PESQUISA, RESGATE E ORGANIZAÇÃO)



O AEROPLANO

VERSOS DE QUANDO UM AVIÃO MUDOU A VIDA DE UM PESCADOR DE
SAQUAREMA EM 1935

CAIO SILVA

(PESQUISA, RESGATE E ORGANIZAÇÃO)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586o Silva, Caio (Org.)

O aeroplano : versos de quando um avião mudou a vida de um
pescador de Saquarema em 1935 / organização de Caio Silva. –
Saquarema, RJ : Instituto de Desenvolvimento Humano e
Profissional - IDEHP, 2026.

7 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-82673-03-0

1. Literatura brasileira. 2. Literatura regional - Saquarema (RJ). 3.
Tradição oral. I. Silva, Caio. II. Título.

CDU 821.134.3(81)-1

CDD 869.1

O organizador da presente obra é responsável pela escolha e apresentação dos fatos, dados e discussões aqui contidas, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as do IDEHP – Instituto de Desenvolvimento Humano e Profissional, nem comprometem a organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte do IDEHP a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

Saquarema / RJ

2026

APRESENTAÇÃO

Desde a minha infância, a história me encanta. Na casa da minha avó materna, Gilberta da Silva Serafim — a quem eu chamava carinhosamente de Vovó Beta — existiam, guardadas dentro do guarda-roupa de seu quarto, duas caixas de sapato. Toda vez que eu ia até lá, fazia questão de pedir que ela pegasse aquelas caixas.

Dentro delas havia fotografias, cartas, lembranças de aniversários, cartões-postais e tantas outras quinquilharias afetivas. Mas um objeto, em especial, sempre me chamava a atenção: um caderno de capa cinza, levemente esverdeada, que trazia na capa uma etiqueta rasgada. Ao abri-lo, na primeira página lia-se: “Pertence a Gilberta da Silva Serafim”.

Naquele caderno, minha avó registrava histórias antigas que lhe haviam sido contadas ainda na infância. Eram quase como cordéis: textos em versos, com parágrafos numerados, que narravam fatos do cotidiano com rimas e bom humor.

Entre essas histórias estavam o romance de Pedrinho e Julinha, o presidiário que rezava no baralho e a história do avião. Esta última era a que mais me encantava, talvez porque tivesse ocorrido com um parente da família: o tio Anjo, irmão do Vovô Salustiano.

Tio Anjo era Ângelo de Souza Serafim, irmão de Salustiano Simões da Silva Serafim, que vinha a ser tio-avô de Vovó Beta.

E todas as vezes em que mexíamos naquelas caixas, eu pedia à vovó que me contasse novamente essa história. Anos depois, ela decidiu transcrevê-la em um pequeno caderno e me presenteou, sabendo o quanto eu amava a história.

A autoria desses versos é atribuída ao senhor Sizino Francisco Canuto, conhecido à época como o Poeta do Porto da Roça, que os teria escrito em 25 de dezembro de 1935.

Tantos anos se passaram, e essa história permaneceu guardada — talvez, até hoje, lembrada apenas por mim e por minha família. Decidi, então, organizar este pequeno livro como uma forma de manter viva a memória dos personagens dessa narrativa e a força da escrita popular, trazendo à luz os versos escritos pelo senhor Sizino e preservados pela escrita de minha avó, Gilberta.

Apresento a vocês, caros leitores, esses versos que até hoje me encantam: A História do Aeroplano.

Caio Silva

Historiador, Escritor e Especialista em História Local

O AEROPLANO

Em 1935, a 14 de novembro, eu tive uma grande alegria. Encontrei uma moça rica. Perguntei para onde ia.

— Ô patrão, estou sem rumo. O senhor me dá uma guia?

Eu vinha de praia abaixo, com uma tarrafa na mão. De longe eu vi uma luz. Parecia um avião. Logo encontrei uma moça e apertou minha mão.

— Boa noite, moça.

— Boa noite.

— Muito boa noite, senhor. Me encontro como perdida. Quebrou-se o meu avião. Entornou-se a gasolina. Perdi logo a direção. O meu avião quebrou, perdido neste deserto. Eu lhe pergunto, senhor, se Cabo Frio está perto.

— A senhora me acompanha, que eu lhe guio muito certo.

— A senhora veio de onde?

— Eu venho do estrangeiro. Eu ia para Vitória. Passei no Rio de Janeiro. O senhor me arranja um pouso, que lhe dou bom dinheiro.

— Amonte aqui no meu burro e pode me acompanhar. Eu sou chefe de família. Vou lhe respeitar.

— O senhor arruma-me um pouso, que eu quero lhe pagar.

— A senhora é bem criança.

— Tenho 17 anos. À causa de muito tempo, vi-me em grande precipício, mas não dou o desengano. Vou telegrafar para o Rio. É o bem que a senhora faz.

Lá vieram quatro aeroplanos. Na frente veio o seu pai.

— Minha filha, o que foi isso? Quase não lhe vejo mais.

— Como é a sua graça?

— Ângelo Souza Serafim.

— No meio deste deserto, quem teve pena de mim. E vai ganhar bom dinheiro, mas isso não fica assim.

— A bênção, meu pai.

— A bênção.

— Minha filha, eu digo adeus. Estive no precipício. Não sei como não morreu. Haveria de ser sete horas, quando o telegrama bateu.

— Apresento este homem, Ângelo Souza Serafim. Vamos pagar a ele bem pago, para não ficar assim. Quando eu me vi perdida, foi quem me livrou a mim. Vou tirar o seu retrato e levar para o Rio de Janeiro, dizendo que foi quem guiou a moça do estrangeiro.

Pelo jeito que estou vendo, vou ganhar um bom dinheiro. Vou em casa e já volto, para o meu retrato tirar. Que tire com toda a roupa, para a feição não mudar.

No outro dia seguinte, anunciou no jornal. Foram muitas pessoas ver de sua casa sair, somente para ver a moça. Parece que nunca viram. O avião estava na praia, foi embora e despediu-se. Seu retrato vai para o Rio, para não perder a feição. Quando o senhor lá chegar, não haverá enganação. Eu lhe dou bom dinheiro, é dado de coração.

Lá foram todos embora. Seu Ângelo ficou aqui. Pelo jeito que estou vendo, o dinheiro já perdi. Nisso, senhor, tenha fé, que a carta já está aí. Lá veio o seu chamado para o senhor se apresentar, para ir ver o seu dinheiro. Não deixe de ir buscar. Arrume uma companhia para sozinho não ir lá.

Quando eu cheguei no Rio, o homem estava esperando, que já tinha ido ao banco, o dinheiro estava contando, somente para me entregar, quando eu fosse chegando.

— Meu pai, pague bem ao homem, que ele é um homem pobre.

Muito bem me agasalhou em casa de gente nobre. O senhor pague bem pago, por isso vale bom cobre. Quanto senhor trabalho de minha filha livrar. Deu a ela boa guia, arrumou um bom lugar. Você veja quanto custa, que eu quero lhe pagar.

— O senhor dá quanto quiser, eu não sei dar valor.

Seu Ângelo ficou alegre, quando do Rio chegou. Pelo jeito que estou vendo, que bom dinheiro ganhou. Quanto ganhou ninguém sabe, que o dinheiro não fala. Se ele botou no banco ou se trouxe guardado na mala. Dinheiro muito guardado dá zinabre como bala.

Adeus, que já vou embora, sair de sua presença. Para ganhar este dinheiro, Deus me deu paciência. De fazer minha viagem, que sou um homem da graça. Que hora abençoada que fui à praia pescar. Encontrei aquela sorte naquela praia do mar. E agora, por isso, de vez em quando eu vou lá.

Quando eu cheguei lá em cima, o povo me olha. Pelo jeito que estou vendo, eu vou sair e me rezar. Olharam com olhos grandes, com olhos de me matar. Pensam que eu ganhei dinheiro, pensam que eu tornei rico. Quem dera que eu ganhasse, para mim era uma beleza. Contava como feliz e fazia minha defesa.

